

Práticas Pedagógicas no Ensino de Geografia

Gisele Maciel Monteiro Rangel*

Venho percebendo a importância da formação de cidadãos críticos e conscientes da realidade social devido a minha prática profissional. Sou professora surda, graduada em Geografia pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/Canoas e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, atual doutoranda em Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Atuo como professora no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS/Campus Rio Grande, mas minha experiência docente iniciou-se em 1998, na Unidade Especial Concórdia - ULBRA.

Desde minha graduação aprendi muito com os alunos surdos, bem como com os professores que compartilham e trocam ideias. Inclusive uma das minhas colegas da época foi minha professora quando eu era aluna na Unidade Especial Concórdia e muitas coisas aprendi com ela. Um exemplo destas trocas aconteceu quando fui contratada para trabalhar como professora de Libras na FEVALLE. Meu contrato era para atuar com alunos surdos e ouvintes no Ensino Fundamental. Em uma oportunidade, o professor de Geografia me convidou para participar com ele na sua disciplina. Naquela aula ele estava ensinando sobre *relevo*. O professor oportunizou-me interagir com o aluno surdo na explicação do conceito de *montanha*. Fiquei muito satisfeita e feliz quando percebi que ele havia aprendido um conceito através da minha sinalização. Infelizmente eu não pude continuar atuando com este professor, pois eu não tinha horários disponíveis.

Durante um momento atuava em três escolas ao mesmo tempo, tanto com a disciplina de Geografia, quanto Estudos Sociais e História, para Ensino Fundamental e Médio. Senti muita dificuldade para organizar minhas aulas, pois minha graduação na área de Geografia era voltada especificamente para o ensino de alunos ouvintes. Precisei, portanto, adaptar tudo o que havia aprendido para o ensino de alunos surdos.

Em 2005, fui aprovada no concurso do Centro Federal de Educação Tecnológica-CEFET¹ em São José - SC. Permaneci lá por seis anos, atuando nas turmas do PROEJA - Programa de Educação de Jovens Adultos, lecionando Geografia para alunos surdos. Fiquei impressionada com a questão de que eles tinham uma turma só deles. Dentre estes alunos, havia identidades muito diferentes. Alguns deles eram traumatizados pelas escolas inclusivas, outros odiavam o Português e alguns se sentiam revoltados por ser quem eram.

Um dos alunos foi morador de rua. Ele demonstrava grande interesse durante minhas aulas. Em função deste interesse, pesquisava muito na internet e trazia para

* Graduada em Geografia da Universidade Luterana do Brasil; Mestre em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Pelotas e Docente do Instituto Federal do Rio Grande do Sul- Campus Rio Grande.

¹ Atualmente é chamada de IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina no Campus.

nós experiências que havia vivenciado, ligando-as com os conhecimentos discutidos em aula. Uma dessas experiências havia acontecido durante uma “visita” que fez a um aeroporto e nas informações que obtive enquanto olhava as telas de embarque e desembarque. Isto me fez perceber a importância do Letramento. Soares (2002) salienta que o letramento não pode ser visto apenas como um conjunto de habilidades individuais, mas sim, como um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem no seu contexto social. Percebi, portanto, a urgência em mudar meu método de ensino da Geografia.

Há muito tempo eu ensinava os conteúdos de maneira rígida, seguindo cegamente o plano que havia preparado. Acredito que, por isto, nunca me senti pronta o suficiente para ensinar. Quando decidi ser parceira dos alunos, esta transformação aconteceu. A partir desta mudança, comecei a utilizar metodologias baseadas no visual, muitas imagens e o uso de esquemas do texto para facilitar sua compreensão. Também utilizo imagens no Power Point, que facilita muito a aula, bem como vídeos que tranquilamente são encontrados no site You Tube.

Certamente os conceitos abstratos são os mais difíceis de explicar, como por exemplo, localização. Por exemplo, ao ensinar os Estados brasileiros, alguns alunos não conseguiam compreender devido a falta dos conhecimentos que adquirimos ao viajar, ou seja, falta a questão do letramento. Alguns alunos que já haviam feito viagens contavam para os colegas suas experiências, pois vivenciaram algo e isto foi possível relatar.

A fim de compreender melhor, conversei com alguns adultos para saber como havia sido sua experiência de aprender sobre localização. Eles relataram as estratégias de aprendizado, como por exemplo, através de imagens na televisão que apareciam da Copa do Mundo e nas Olimpíadas, suas bandeiras, camisetas diferentes, etc. Nestes momentos havia legendas apresentando cada país e a localização. Outro surdo relatou que tem um mapa fixado na parede ao lado da cama e que todos os dias fica observando-o. Estas estratégias ajudam a localizar-se melhor no espaço. Fico pasma ao perceber a criatividade de alguns surdos ao criar sinais para diversos lugares e adjetivá-los. É fantástico.

Ao perceber a trajetória dos surdos, vejo que necessitamos criar estratégias para conseguir compreender o mundo. As metodologias de ensino foram modificadas ao longo do tempo, mas algo que não pode modificar é auxiliar e incentivá-los através do letramento, ou seja, fazê-los compreender, através da metodologia escolhida, o que é e como é o mundo. Segundo Ramirez e Masutti (2009),

O fracasso escolar do aluno relaciona-se com especificidades de aprendizagem. A partir dessa ideia é que se buscam no campo teórico referências que visem “resgatar uma visão mais globalizada do processo de aprendizagem e conseqüentemente, dos problemas desse processo” (SCOZ, 1994, p.23), procurando compreender o universo histórico e cultural e suas influências no processo de aprendizagem. (p. 41).

Na minha adolescência o interesse pela Geografia não surgiu através da escola. A metodologia adotada pelos professores era muito tradicional e isto não despertava em mim o desejo de saber mais. O fato que me fez desejar conhecer mais sobre a Geografia foi um presente que recebi de minha mãe, um Atlas muito simples, mas que me fez ficar apaixonada e desejar viajar pelos diversos Estados do nosso país. A maioria dos nossos parentes morava em outras localidades e este Atlas me fez compreender onde eles estavam, e não o ensino que ocorria na escola. Isto me faz pensar o quanto a metodologia adotada nas escolas é ineficaz e não atinge, na maioria dos casos, a vida das crianças.

No caso de crianças ouvintes, o letramento é menos complexo, já que pais e filhos utilizam a mesma língua. Segundo Martins (2003), “letrar” significa inserir a criança no mundo letrado, trabalhando com os diferentes usos de escrita na sociedade. Essa inserção começa muito antes da alfabetização propriamente dita, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social: os pais lêem para ela, a mãe faz anotações, os rótulos indicam os produtos; reconhecidos nas prateleiras dos supermercados e na cozinha da casa.

Os surdos também precisam exercitar os usos da escrita na sociedade, mas geralmente eles não chegam com pré-conhecimentos na escola, já que a comunicação com os pais é deficitária. E esta era minha constante preocupação ao pensar em ensinar Geografia para alunos surdos. O que viria a seguir proporcionaria momentos onde eu pudesse colocar em prática soluções para esta preocupação.

Foi quando em 2011 retornei ao Rio Grande do Sul, onde continuei no Instituto Federal de Rio Grande do Sul – IFRS, mas agora no Campus Rio Grande. Os alunos surdos que aqui estudam no PROEJA estão incluídos em turmas de ouvintes com a presença do intérprete, ou seja, a turma inclusiva. O diretor propôs que, nas aulas de Geografia, os alunos surdos fossem retirados destas turmas e tivessem aulas especificamente comigo. Foi um desafio e um trabalho interessante. Este era o momento de colocar em prática minha metodologia diferenciada no ensino da Geografia. As aulas eram permeadas de questionamentos, um momento específico para que eles pudessem sanar todas as dúvidas que durante muito tempo rondavam suas mentes. Além de ensinar, aprendi muito com eles.

Eu tinha duas turmas do Ensino Médio – PROEJA. Eram duas turmas muito diferentes. Mas preocupei-me em informar-lhes sobre coisas cotidianas, que serviriam para melhor entendimento do mundo. Considerei que isto era o mais importante naquele momento. Conversávamos sobre fatos e isto era o elo para a teoria. Dentre os assuntos de interesse estava o horário de verão e o porquê de ele acontecer. Eu utilizava diversos materiais visuais durante as aulas, principalmente vídeos no YouTube. Também utilizei um documentário de quatro surdos brasileiros que viajaram para a Índia e África do Sul. Eram DVD's sinalizados e com legenda. Conversamos muito após cada vídeo. Portanto, procurei atrelar as questões teóricas com assuntos mais próximos ao cotidiano deles.

Quando questionava sobre o que sabiam sobre as problemáticas informações sociais respondiam-me, geralmente, sobre o aquecimento global, como se ele fosse

o culpado de todas as problemáticas sociais e ambientais que assolam nosso planeta. Eles não são alunos críticos em relação a estas questões, não são ainda capazes de analisar e discorrer sobre elas.

O principal fator para esta falta de visão crítica deve-se ao fato de que muitos de nós, surdos, possuímos poucas informações de mundo em virtude da nossa língua ser diferente dos ouvintes. Nossa primeira língua é a Língua Brasileira de Sinais, a LIBRAS, que já é oficial em nosso país desde 2002, através da Lei nº 10.436. Esta língua é visual-gestual, percebida através da visão, pois nossa maneira de nos relacionarmos e experienciarmos o mundo é através do canal visual. Este já é um ponto fundamental que nos diferencia dos ouvintes e que nos faz não ter tantos conhecimentos como eles.

A inserção dos surdos na sociedade acontece da mesma maneira, ou seja, com barreiras intermináveis, pois a sociedade é ouvinte, é feita, criada, adaptada especificamente para quem possui uma língua oral-auditiva. Portanto, os surdos precisam criar estratégias para conviver nesta sociedade. E o espaço escolar que deveria ser onde os surdos teriam o apoio e as informações necessárias de mundo, nem sempre isso acontece. Muitas escolas utilizam métodos que não são adequados e adaptados aos surdos, pois a inclusão nem sempre permite esta abertura. Também algumas escolas não fazem as adaptações metodológicas que necessitamos, adotando os mesmos métodos tradicionais.

Com a política inclusiva do Ministério de Educação - MEC, os surdos são obrigados a frequentar as escolas regulares. Este não é o pior problema. A questão fundamental reside em saber se a escola oferece uma metodologia bilíngue para os surdos. Segundo Quadros (2005),

(...) o bilinguismo na educação de surdos representa questões políticas, sociais e culturais. Nesse sentido, a educação de surdos em uma perspectiva bilíngue deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visual espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, a Língua de Sinais Brasileira. É a proposição da inversão, assim está-se reconhecendo a diferença. A língua passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais. (p. 35).

A escola, portanto, precisa conhecer a estrutura desta pedagogia voltada e adaptada aos surdos para que possam utilizar meios de ensino efetivos, que de fato atinjam o objetivo de ensinar de acordo com a sua especificidade. Assim como os ouvintes, os surdos também precisam ser estimulados a pensar e posicionar-se criticamente frente às questões sociais, ambientais, políticas. A utilização de uma metodologia específica significa um respeito à diferença surda. A criticidade que precisamos auxiliar estes alunos a desenvolver nos remete à pedagogia de Paulo Freire, cuja proposta nos provoca a considerar os conhecimentos advindos (ou a falta deles) da realidade destes alunos, valorizando-os e construindo novos conhecimentos a partir deste ponto.

Atribula-me o fato de imaginar até quando os alunos surdos irão ficar aquém destas questões, desconhecendo maneiras necessárias de melhor participação e vida planetária. Assusta-me, também, o fato de imaginar que eu, uma pessoa que me considerava conhecedora de diversas questões, não sou uma cidadã que colabora para a vida no planeta, pois meus hábitos nem sempre condizem com sua necessidade.

Sugiro, portanto que é necessário que nós, professores, acompanhem os alunos surdos, já que para eles o letramento é tão necessário, mas complexamente atingível. Para que isto aconteça, também é necessário que o professor seja fluente em Libras, bilíngue. Isto o aproximará de seu aluno. É a maneira que me sinto em relação aos meus: próxima. Precisamos nortear nossas aulas pelo currículo, mas sempre de maneira a torná-lo significativo para os alunos, próximos, vivenciados.

Enfim, é de suma importância que o professor possa alçar a realidade e expô-la em consonância com os conteúdos, construindo o saber coletivo entre as pessoas surdas.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de Abril de 2002, Que Dispõe Sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o Art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 246, p. 28, 23 de dezembro de 2005. Seção 1.

MARTINS, Alice. *Alfabetização e letramento*. Disponível em: <http://www.brazcubas.br/professores/alice/download/texto2s4.doc> Acessado em 26/04/2012.

QUADROS, Ronice. Muller. de. O bi do bilingüismo na educação de surdos In: *Surdez e bilinguismo*. 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

RAMIREZ, Garcia Alejandro e MASUTTI, Mara Lúcia. *A Educação de surdos em uma perspectiva bilíngüe: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas*. Editora da UFSC, Florianópolis, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.